

Chame-nos nós

(Este é um texto para dois atores e um espaço vazio)



O palco é uma arena. Um espaço de confronto. Um tempo a ser habitado.

A GAROTA entra correndo. O GAROTO tenta alcançá-la. O jogo se inverte, ela tenta apanhá-lo. Ele foge.

Miram-se. Ele se vira e a segura pela mão.

Ela se deixa levar.

Só há ELES.

Segurando-se um no outro pela ponta dos dedos, o garoto e a garota giram em círculo. Impulsionam-se cada vez mais fundo.

Os diálogos se alinham e se costuram:

GAROTA: Eu tenho medo de altura.

GAROTO: Vou te ensinar a dançar.

GAROTA: Eu ainda te amo mais do que tudo.

GAROTO: Se um dia precisar, grita fogo. Ninguém liga quando outra pessoa pede por socorro.

GAROTA: Todo mundo vai morrer.

GAROTO: Eu tô doente.

GAROTA: Segura a minha mão?

GAROTO: Um dia tu vais lembrar do hoje, do agora, da gente aqui girando.

GAROTA: Há de sermos pelo menos dois ou não há partilha ou compartilhar.

GAROTO: Há de sermos pelo menos dois, para que depois se possa ficar só.

GAROTA: Eu vou escrever sobre nós.

GAROTO: Eu sou chuva.

GAROTA: Nós somos parte.

GAROTO: Até o fim.

Eles saltam-se. Giram em lados opostos do palco. Gritam para se ouvirem.

GAROTA: Eu estou do teu lado.

GAROTO: Tenta não esquecer.

GAROTA: Não há nada mais real do que aquilo que a gente sente.

GAROTO: Fecha os olhos.

GAROTA: Eu quero voar.

GAROTO: Essa é uma história abismo.

GAROTA: Voar também é queda.

BLECAUTE.

Ela fecha os olhos, gira no escuro. Ele sai. Ela dá a volta em torno do próprio corpo. Não o encontra.

GAROTA: Corríamos. O abismo era largo. Ele tinha pressa. Os braços abertos para receber a chuva. Olhos em chamas. Um sorriso torto. Queria voltar. Voar. Os pés no chão. O vestido rodado. Eu me prendia, não era para segurar.

Ela avança de olhos fechados, tateia o vazio. Volta a girar. A luz pisca, ela ocupa diversas posições pelo palco.

GAROTA: Seguro forte. As linhas não se sustentam. Me ponho em nós. Transpareço. Transpasso. Tento transpor. Intransitável. Intransitivo.

Ela para, olha em frente. De voz e presença altiva, desafiando o abismo, quase grita:

GAROTA: Não há nada mais forte do que aquilo que a gente sente.

Um, dois, três, quatro, cinco segundos. Dez, quinze, vinte, trinta. Quarenta, cinquenta, sessenta segundos. Um minuto se passa. O vazio paira. A lambe pelas beiradas. Ela persiste.

Ele a abraça pelas costas. Ela se vira. Olhos nos olhos. Um de frente para o outro. Firmes.

Ela o abraça. Ele a abraça.

O abraço perdura.

Persiste.

GAROTA: Quisera que todas as linhas se arrematassem num abraço. Um ser humano de frente para o outro. De braços entrelaçados.

O olhar dele é feroz. Engole-a inteira.

GAROTO: Nada é mais forte do que aquilo que a gente sente.

Seguem abraçados até que a plateia reaja, até que o teatro se esvazie, até que rocem o infinito.